

CRIANÇA, FANTASIA, CIDADANIA

*Maria Margarida Morgado**

RESUMO

Cada área disciplinar, cada tempo e cada contexto produzem sentidos para crianças, pelos quais elas aprendem a definir-se e a identificar-se. Contemporaneamente, pode falar-se de uma indústria de cultura global, ou globalizada, dirigida à criança, na qual se incluem livros, música, vídeo, jogos de computador e consolas. Propõe-se, neste âmbito, a análise da ficção de fantasia, materializada em algumas séries de sucesso sob a forma de livro juvenil, e o seu contributo para a construção de noções implícitas ou explícitas de cidadania, que podem ser exploradas como recurso educativo nos 2º e 3º ciclos.

ABSTRACT

All subject areas, epochs and contexts produce meanings for the child through which it learns to define and identify itself. In contemporary societies we have become accustomed to a global or globalized culture for the child that includes the transaction of books, music, videos, computer games and playstations. It is against this background that we propose an analysis of fantasy fictions as they emerge in success children's and young adults' book series and how they can be used as educational resources for the teaching of citizenship in schools because of the implicit or explicit citizenship notions that they carry.

Introdução

Cada área disciplinar, cada tempo e cada contexto produzem sentidos para crianças, pelos quais elas aprendem a definir-se e a identificar-se. Contemporaneamente, pode falar-se de uma indústria de cultura global, ou globalizada, dirigida à criança, na qual se incluem livros, música, vídeo, jogos de computador e de consolas. O livro para crianças constitui-se hoje fenómeno multimédia e uma experiência multidimensional, em que livro, filme, adaptação, material de escritório, televisão, a indústria alimentar, estrelas de televisão e de cinema interagem com o texto (Hunt 2001: 3).

Esta malha de adaptações e comércio que envolve alguns textos da ficção infantil presume uma ideia de 'criança' do mundo ocidental, uma

* Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação de Castelo Branco

ideia de criança que inevitavelmente veicula ideais de cidadania implícitos ou explícitos, se bem que na maior parte das vezes ocorra no contexto de consumo em larga escala e indiscriminado de bens e seja assimilado ao que vulgarmente se designa por 'cultura de massas' e negativamente aos média.

Não partilho, contudo, da visão pessimista de Baudrillard (1996) de que a realidade se teria transformado em simulação por força da sociedade mediatizada em que vivemos. Os média, para Baudrillard, constituem ou uma estratégia de poder sobre as massas, ou um "território estratégico da astúcia das massas", que os usam para recusar a verdade, negar a realidade, simular e dissimular, resistir à razão política, liquidar o sentido e a representação, desistir da vontade e consentir na sua escravidão, passividade e estupidez. De acordo com a opinião do autor, os média não informam, simulando fazê-lo, adiam continuamente a informação e o prazer, fabricam não-comunicação e sublinham a ausência de responsabilidade das massas, que não querem escolher, não querem desejar e só querem ser persuadidas das coisas, numa total e maciça apatia e falta de vontade. O novo universo 'frio', que Baudrillard descreve, onde o espectador se torna na imagem do ecrã e vice-versa, não permite a articulação de posições de sujeito, e os indivíduos são os jogadores de um jogo interminável num universo de simulacros e de êxtase comunicativo.

Se bem que por vezes nos sintamos tentados a partilhar da análise de Baudrillard, prefiro continuar a pensar na televisão, no cinema, nos centros comerciais, nos média electrónicos e nos livros comercializados para crianças como forças culturais norteadoras das crianças, muitas vezes definidoras da realidade para elas (Manciewicz and Swerlow 1982), mas em relação às quais as crianças são, por vezes, consumidores activos, isto é, possuem capacidades críticas e conseguem relacionar sentidos, prazer, uso e escolha (Hall 1997, 10). Continuo a acreditar que os educadores, os pais e os professores são fundamentais para guiar as crianças nesta aprendizagem de interacção com tão poderosas forças culturais de sedução.

É neste contexto e no quadro destas premissas que me proponho analisar um sistema discursivo, material, contemporâneo, o da ficção de fantasia materializada em algumas séries de sucesso, sob a forma de livro

juvenil, e me proponho explorar o seu contributo para a exploração de projectos de cidadania na escola. O meu argumento ao longo deste artigo é o seguinte: obras como os 4 livros do *Harry Potter*, os três livros da série *His Dark Materials* de Philip Pullman e os 4 da série *Earthsea / Terramar* de Ursula LeGuin, todos eles com traduções recentes para português, entre tantos outros que poderia citar, e que de repente se tornaram populares entre as crianças, permitem à criança e ao adolescente sonhar realidades alternativas e futuros possíveis, bem como constróem activamente as coordenadas pelas quais elas se aprendem a definir e a identificar, sendo por essas razões, veículos privilegiados para o entendimento de como se constrói a cidadania.

Estamos longe do tempo em que os adultos escreviam fantasias para o mercado juvenil e infantil para se refugiarem nas memórias douradas de uma infância passada. O que todas estas obras têm em comum é serem fantasias sobre mundos alternativos, obras que transformam a realidade que conhecemos em outras, alternativas, com outras coordenadas, regras, outras opções de vida e de morte, outros valores, para além de se dirigirem claramente a leitores inteligentes, pensantes e exigentes. Sob a forma de ficção, qualquer delas exprime mal-estar com o mundo do presente e formula formas de dar sentido às práticas de vida de homens e mulheres, rapazes e raparigas, por intermédio de mundos outros que afinal configuram vias de compreensão do mundo actual, da sua diversidade e pluralidade em co-existência, bem como da necessidade de basear as relações humanas e sociais no respeito pelos deveres e direitos de cada cidadão, na democracia, no humanismo, na liberdade de opinião e expressão, na consciência e respeito por heranças culturais e pelos equilíbrios da natureza.

Os jovens de hoje e a fantasia

Porque é que os jovens de hoje aderem a este tipo de ficção? Podemos apresentar dois argumentos: eles partilham com os adultos as angústias de fim de século na transição do século XX para o XXI, enredadas em temores do fim de uma cultura, de uma civilização ou de uma era (Veja-se, por exemplo, Eugen Weber. *Apocalypses: Prophecies, Cults and Millennial Beliefs Throughout the Ages*. Hutchinson. 1999); e, por outro lado,

procuram evadir-se das complexidades políticas, sociais ou ecológicas de narrativas realistas, apalpando novos terrenos e deixando-se seduzir por metafísica, cosmologia e padrões míticos de estruturação da experiência humana que se encontram tão ausentes das suas vidas (Alan Jacobs 2000). Nenhuma das duas motivações augura em favor daquilo que a maioria dos educadores consideraria adequado como educação para a cidadania participante e responsável.

De facto, as fantasias comercializadas para crianças e jovens, se oferecem versões de um apocalipse ou de um fim, propõem também mundos alternativos ou paralelos e vislumbres de utopias, tornando-se, por esse motivo, formas reconfortantes para o leitor. Por serem literatura infantil e juvenil ou *best seller* em várias culturas e línguas, as narrativas têm de inevitavelmente se pautar pelos valores, meio ambiente e estruturas de sensibilidade que, por existirem, se tornam comunicáveis entre um escritor e públicos específicos. Todo o texto de fantasia procura, na recepção, a compreensão do que propõe e só pode fazê-lo dentro dos limites do que é comunicável.

A ideia de outros mundos possíveis, alternativos ao real, levanta ainda a questão filosófica de saber se eles se constituem de facto alternativos ao real, ou se são apenas alternativas abstractas da actualidade. Há que teorizar a noção de possibilidade - presente na construção de fantasias - enquanto formas alternativas de representação do real. Elas criam, pelos actos de escrita e de leitura, condições de possibilidade com as quais indivíduos se podem identificar, tanto mais que a concepção das coisas de outro modo é considerá-las reais ou verdadeiras num mundo que não aquele em que vivemos, ou num outro espaço/tempo (Hoye 1997). Peter Hunt (2001, 7) justifica-o de outro modo. Afirmo ele que é necessário conhecer o mundo como ele é para se inventar outro. A fantasia só faz sentido em relação com a realidade: os mundos alternativos comentam necessariamente a realidade e são alternativas conceptuais dela.

As fantasias produzem igualmente o efeito junto do leitor de que é possível alterar a realidade, pois se imaginar é ser capaz de transformar a realidade (bell hooks 1991: 55), então cada um destes autores, Rowlings, LeGuin ou Pullman, propõem aos seus leitores jovens (e não exclusivamente

a estes) um instrumento para intervir na realidade e é neste sentido que podemos associá-los a projectos de cidadania.

A minha proposta constitui-se, assim, no sentido de pensar as possibilidades históricas de mudança a partir dos pequenos espaços de liberdade que são constituídos nas narrativas e que desmontam interdições e valores que nos pautam ou a ordem habitual das coisas, conceitos que organizam o nosso pensar e as nossas emoções. Isto é, partir dos mundos alternativos configurados nos livros para novas noções e práticas de cidadania. As fantasias são, afinal, importantes para nos apercebermos de que os muitos elementos das paisagens que conhecemos não são universais e podem ser transformados.

As visões negras do mundo actual

As fantasias podem ser interpretadas, por um lado, como formas utópicas do futuro que é também um passado, isto é, baseadas na realidade ideológica do passado. Por outro lado, há quem as considere expressões intensamente subjectivas de interpretação do mundo, mas reflectem sempre também o desconforto com rumos políticos e aspectos críticos que se procuram ultrapassar pensando, escrevendo, imaginando (Probyn 1993). Começamos, então, a partir das obras que elegemos, por realçar o compromisso ideológico de cada uma delas com as ideologias de passado e presente das sociedades actuais.

O mundo imaginário de Harry Potter está longe de ser uma fantasia optimista. Para os leitores mais versados na escrita fantástica ressalta nos livros uma linguagem simbólica do inconsciente, um mito de arquetípicos feiticeiros, dragões, gigantes e labirintos que articula os desejos, os medos e a esperança de um inconsciente colectivo jungiano. Tal como na trilogia *Earthsea*, da autoria de Ursula LeGuin, assistimos à viagem psíquica e moral de um herói entre a luz e as trevas, o bem e o mal, ao qual são exigidas a par e passo da travessia escolhas morais e éticas, actos que carecem de responsabilização e tomada de consciência de consequências por vezes imprevisíveis.

A um outro nível, no mundo mágico de feiticeiros e aprendizes de feiticeiros, o poder dos adultos, dos governos e dos rapazes mais ricos,

da realidade e do quotidiano são um facto, porque é apenas por momentos ou numa dimensão espacial e temporal paralela à dos *muggles*, em Hogwarts, que o pequeno Harry órfão pode desenvolver as suas aptidões naturais de mágico e feiticeiro e revelar-se um herói. No final de cada livro, Harry é forçado a regressar ao mundo mesquinho, estúpido e vulgar dos tios, sem possibilidade de lhes escapar.

E mesmo em Hogwarts se sente a influência da prepotência dos que como Malfoy, pai e filho, espalham o terror, a caça aos *muggles*, isto é, os comuns mortais, a manipulação de pessoas e de ideias. A máquina do governo de feiticeiros, bruxos e magos é, afinal, ineficiente para combater Voldemort (o mal), e parcialmente corrupta. Não se trata, portanto, de uma fantasia de um mundo mais excitante, mais prometedor ou mais benevolente do que aquele em que habitamos.

Antes pelo contrário, encontramos-nos perante uma escrita que reflecte e constrói as preocupações e os medos dos nossos tempos: a impunidade dos Draco Malfoys e dos seguidores de Lord Voldemort, a morte que espreita Harry a cada esquina de cada livro. Os ambientes criados geram momentos de medo, de terror e de fantástico, articulando perguntas perturbadoras sobre a vida e a morte, as relações sociais e de poder, a existência de lugares brutalmente corruptos, maléficos. A vida de Harry Potter, analisada com toda a objectividade, é, mesmo na escola, no *Hogwarts School of Witchcraft and Wizardry*, (pela qual ele anseia quando é obrigado a passar férias com os tios muggle) uma realidade sombria, pautada pelo vazio, pelo caminhar sem sentido, perseguido por sombras, pesadelos do passado e ameaças de não futuro. Potter não tem projectos de vida, a não ser treinar para os jogos de *quidditch* e sobreviver a mais um ano em Hogwarts. E mesmo se a verdadeira justiça parece depender de Harry, enquanto indivíduo, ele possui um legado material, genético e físico que forças mais poderosas do que ele próprio activam em prol da comunidade escolar ou social dos bruxos, como se Harry mais não fosse do que um peão numa jogada mais vasta.

Na série *Terramar / Earthsea*, já não nos encontramos em presença de mundos paralelos. A cultura insular de *Earthsea* é composta por comunidades agrárias isoladas, estáveis e homogéneas, governadas por

um rei e tuteladas pela sabedoria dos feiticeiros, quais monges. O comércio é esparso, a escala social hierarquizada e patriarcal, mas a vida espiritual das pessoas é ainda muito intensa, baseada em superstições e fórmulas mágicas. Contudo, ideologicamente configuram-se os debates filosóficos, políticos e ecológicos da actualidade: entre o impulso para a acção de Ged e a passividade inactiva do asceta Ogion, entre as aparências e a habilidade de conhecer o verdadeiro nome das pessoas e coisas; o poder e os perigos que ele representa; a inseparabilidade de luz e sombras; o maior inimigo de cada homem que pode residir nele próprio; o mundo quenão é feito à escala do homem, mas que é parte de um cosmo mais vasto. Em *The Wizard of Earthsea* (1968) lemos:

Não se pode modificar nada, uma pedra, um grão de areia, até se saber qual o bem e o mal que advirão de cada acto. O mundo está em equilíbrio. O poder de um feiticeiro (...) pode afectar o equilíbrio do mundo. É perigoso, esse poder (...) tem de obedecer ao conhecimento e servir a necessidade. Acender uma vela é projectar uma sombra. (tradução minha)

O universo apresentado encontra-se ameaçado, o seu equilíbrio ecológico perturbado; as pessoas em *The Farthest Shore* vivem sob a influência de drogas, deixaram de respeitar os feiticeiros (a autoridade espiritual) e vivem num deserto espiritual, obcecados que estão com a imortalidade, o poder ou o dinheiro.

E o papel de Ged, o herói, bem como de Tenar que ele ensina no 2º livro, e do jovem Lebanen (no 3º livro) ou de Therru (no 4º), que cada um deles ensina, é de organizar de forma positiva o futuro deste mundo, chamando atenção para a necessidade de viver em harmonia com o mundo natural, para um mundo mais igualitário entre homens e mulheres, para uma sociedade menos materialista, e onde se cultive uma vida espiritual mais rica, para o desenvolvimento de uma consciência ecológica, para os direitos dos animais e das pessoas, para ver para além do que é superficial ou aparentemente 'belo' e ser capaz de mediar entre povos e culturas diferentes (Lenz 2001).

O projecto de uma teologia da criação, os três livros de Philip Pullman mais uma vez configuram um ambiente de ganância (de conhecimento e poder), de desespero e caos social, de sublevação política, ruína ecológica e uma catástrofe de dimensões apocalípticas causadas pelos homens (Lenz

2001, 123), no qual se movem dois pequenos heróis, Lyra e Will. Recorrendo a intertextualidades com o *Paradise Lost* de Milton, com a dialéctica de inocência e experiência de William Blake e com o Inferno de Dante, Pullman constrói uma complexa cosmologia de mundos paralelos, semelhantes à Grã-Bretanha actual no presente e no século XIX, e imaginados noutros espaços e no futuro. Neles ocorrem configurações de episódios diversos que espelham problemas do nosso tempo: o abuso sexual e social de crianças, incluindo a mutilação, o esvaziamento espiritual e o embrutecimento das pessoas, tornadas *zombies* como em Cittagazze (*The Subtle Knife*); este é também o local onde as crianças se tornam um bando desordeiro e sedento de sangue e de vingança e onde existem os espectros, forças destrutivas e exércitos desumanos e desumanizados como o de Mrs Coulter.

Projectos novos de cidadania

Visões utópicas

Qualquer das narrativas em série, aqui esquematicamente apresentadas, define regras, normas e conceitos de justiça, de liberdade e das relações que governam os indivíduos em sociedade numa linguagem repleta de símbolos e imagens. Geralmente a magia é sinónimo de sabedoria, e representa a capacidade de vencer obstáculos intransponíveis por virtudes bem humanas: amizade, coragem, lealdade, solidariedade - são estas as armas que derrotam as forças do mal e da escuridão.

Harry Potter possui os atributos dos heróis de aventura: determinação, coragem, resistência, recursos e compaixão, mas nem sempre termina os livros coberto de glória pessoal ou é o herói individualista de outros tempos. De livro em livro, desenvolve-se uma pequena comunidade de pares, de associação colaborativa entre Harry, Ron, Hermione e Hagrid (o guarda gigante) e uma solidariedade social dentro da ala, Gryffindor, a que eles pertencem e desta com outras alas do colégio, Hufflepuff e Ravenclaw (à excepção, naturalmente, da ala inimiga, Slytherin). Harry é, como se espera nos tempos modernos que seja, modesto e pouco dado a ostentações (de dinheiro, carácter ou outras), bom na prática do *quidditch*

(aliás, ele é a estrela da sua equipa); ele é leal, moral, decente para com os outros, apesar de sistematicamente 'furar' as regras de comportamento no colégio, cedendo à transgressão como a maioria dos adolescentes: sai sem autorização, sob a sua capa invisível, deambula por corredores que lhe estão interditos, visita, sob a capa, a ala dos inimigos, Slytherin, para descobrir pistas sobre os seus planos, etc.

Mas nem sempre as suas transgressões produzem resultados benéficos para si ou para a comunidade. O que seduz na figura de Harry é o herói com as falhas humanas que as sociedades contemporâneas aprenderam a tolerar nos jovens: uma certa preguiça para trabalhar (colmatada pela acção estudiosa de Hermione); desalento e desânimo que dão lugar à bravura heróica quando absolutamente necessário e que são equilibradas pela presença despreocupada, descuidada e bem disposta de Ron; revolta com a sua situação social e com o que ele considera ser a injustiça de certos professores.

Harry é também um adolescente verosímil, no sentido em que se apresenta sob a figura de herói controverso e complexo - o que agrada aos leitores contemporâneos -, alterando desse modo as expectativas que os leitores mais experientes possuem sobre os heróis das histórias de aventura. Apesar de manterem as características básicas das histórias de aventura, os livros do Harry Potter oferecem uma gama mais complexa entre os pólos do bem e do mal, na qual o herói é irremediavelmente apanhado. A dependência física do actor do bem, Harry, do agente do mal, Voldemort, activada pela cicatriz na testa do primeiro que se torna dolorosa sempre que o segundo se encontra por perto, coloca Harry a par dos seguidores do senhor do mal. Nele se torna óbvio que a escolha entre o bem e o mal é uma opção, nem sempre evidente ou fácil. No final do quarto livro, por exemplo, ficam suspensas no olhar do director da escola, Dumbledore, as implicações de a ressurreição de Voldemort ser feita à custa do sangue de Harry. O chapéu que coloca Harry em Gryffindor, considera-o igualmente apto para Slytherin, a ala do colégio de onde imergiram mais feiticeiros de magia negra. As potencialidades incertas de Harry constituem uma das fontes de interesse dos livros, dado que o bem e o mal se entrelaçam, exigindo essencialmente do herói, escolhas

difíceis: tomar opções morais num mundo em que existem feiticeiros que se passam para a magia negra e outros que não; resistir a soluções fáceis; confrontar ambiguidades difíceis de resolver, como no caso do Professor Snape, em relação ao qual leitores e Harry Potter vacilam quanto à sua inserção no lado dos bons ou da magia negra de Voldemort.

Ged, o protagonista masculino de *Earthsea*, é um herói da mesma ténpera, com um percurso diferente: de jovem impulsivo e impaciente a mago destituído de poderes, reduzido à dimensão humana, do homem vulgar, desprezado e marginalizado que reaprende a sua integração humilde no cosmo mais vasto. Mas, tal como Harry, ele é objecto de uma misteriosa profecia, possui dons especiais e um destino traçado relativamente ao qual precisa de tomar as melhores opções, as mais reflectidas e sentidas.

Mas a maior surpresa de configuração heróica será de Lyra em *His Dark Materials*. Lyra é uma vulgar rapariga, selvagem, mas simultaneamente única, heroína de sagas, a salvadora do mundo, a contadora de histórias. Tem uma arma mágica como todos os heróis, o *alethiometer* que lhe permite, em transe, ler o futuro, e um companheiro de aventura, Will Parry, o qual promove a reunião do masculino e do feminino na resolução das aventuras com que ambos deparam. Mas, tal como nota Lenz (2001, 154), ela segue muito mais de perto os padrões do herói masculino do que Will, o qual luta por se ver livre das marcas de heroísmo que o punhal lhe confere.

Em conclusão, estes heróis cultivam os ideais de altruísmo, generosidade, não violência, auto-domínio e os mundos em que se inserem promovem activamente a ideia de que o mal existe e é parte da condição humana, a sombra de cada um, o reverso da medalha.

Mas cada obra sublinha equilíbrios diferentes: entre as trevas e a luz, o feminino e o masculino, a acção e a inacção em Ursula LeGuin. Em Philip Pullman são claras algumas máximas como: vive e ama no presente (espaço e tempo); pratica a tua 'ecologia da mente'; deixa de explorar os outros para, com eles, co-criar o mundo; explora o mundo a teu prazer mas tem a sabedoria para perceber quando é preciso parar de absorver o que te rodeia; aprende a transformar as tuas experiências em narrativas e comunica-as aos outros (Lenz 2001, 162).

E, ao contrário de Harry Potter (pelo menos até ao presente), ambos autores oferecem "pragmatopias", utopias para um futuro que se pode vir a concretizar.

Em *The Farthest Shore* são 'The Children of the Open Sea' ou 'The Raft People' os únicos que escapam à degradação: vivem em paz num mundo que já não existe, sobre as águas do oceano, seguem os ritmos da natureza, dançam sobre frágeis jangadas num oceano sem limites, ajudam quem encontram em apuros e celebram a vida.

Em *The Amber Spyglass*, de Philip Pullman existem umas maravilhosas criaturas chamadas Mulefas, um tipo de veado mamífero com rodas em vez de patas, chifres e pequenas trombas como as dos elefantes, que vivem em harmonia com o ambiente, respeitam a integridade da natureza, produzem energias renováveis e que estabelecem relações de sinergia com outros seres (Lenz 2001, 129).

Contudo, para além destes vislumbres do paraíso, que podem ser isolados das obras e oferecidos aos alunos para exploração temática, há princípios que são estabelecidos e defendidos. Em *His Dark Materials*, como em outras fantasias, é proposto que se tome o universo físico como o nosso espaço; defende-se o equilíbrio no macrocosmo (todo o espaço envolvente) e no microcosmo (nas relações entre indivíduos, entre o feminino e o masculino; transmitir conhecimentos valiosos a outras pessoas), promove-se a exploração do auto-conhecimento de si, a procura de sentidos significativos para as coisas, as pessoas e as relações entre elas, e privilegia-se o exame de crenças, fé e dos próprios modos de vida.

Concluindo, fantasias como estas, longe de serem antagónicas da vida social e política, são constitutivas dos modos de sentir e pensar contemporâneos. A questão não é aceitar que este tipo de literatura tem impacto sobre os jovens e por acréscimo pode vir a transformar o mundo social e político. Creio que é muito mais perceber que estes textos fazem parte da cultura e de sensibilidades actuais que procuram transformar modos de sentir, de estar e de viver em sociedade e que por essa razão podem e devem ser utilizados na educação para a cidadania.

BIBLIOGRAFIA:

- Barbour, D. (1974). On Ursula LeGuin's *A Wizard of Earthsea*. *Riverside Quarterly*, 6. 119-23.
- Baudrillard, Jean. (1996). *The Masses: The Implosion of the Social in the Media*. In: Marris, Paul and Thornham, Sue (Eds.). *Media Studies. A Reader*. Edinburgh: Edinburgh University Press. 60-68.
- Guide for Northern Lights* em <http://www.randomhouse.com/BB/teachers/tgs/goldencompass.html>
- Hall, Stuart. (1997). Introduction. In Stuart Hall (Ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage.1-12.
- Hooks, bell. (1990). *yearning: race, gender and cultural politics*. Boston: South End.
- Hoyes, Martin (Ed.). (1979) *Changing Childhood*. London: Writers and Readers Publishing Cooperative.
- Hunt, Peter. 2001. *Children's Literature*, London: Blackwell.
- Hunt, Peter and Millicent Lenz. (2001). *Alternative Worlds in Fantasy Fiction. Ursula LeGuin, Terry Pratchett, Philip Pullman and Others*. London and New York: Continuum.
- Jacobs, Alan. (2000). The Devil's Party: Philip Pullman's bestselling fantasy series retells the story of creation - with satan as Hero. *The Weekly Syandard*, 6(16). 23 October.
- Le Guin, Ursula. (1993). *The Earthsea Quartet: A Wizard of Earthsea/ The Tombs of Atuan/ The Farthest Shore/ Tehanu*. London: Puffin.
- Manciewicz, F. and Swerlow, J. (1982). *Remote Control: Television and the Manipulation of American Life*. New York: Ballantine.
- Probyn, Elspeth. (1993). *Sexing the Self. Gendered Positions in Cultural Studies*. London and New York: Routledge.
- Pullman, Philip. (1995). *Northern Lights*. London: Scholastic Children's Books.
- Pullman, Philip. (1997). *The Subtle Knife*. London: Scholastic Children's Books.
- Pullman, Philip. (2000). *The Amber Spyglass*. London: Scholastic Children's Books.
- Rowlings, J.K. (2001) *Harry Potter and the Sorcerer's Stone /Harry Potter and the Chamber of Secrets / Harry Potter and the Prisoner of Azkaban/ Harry Potter and the Goblet of Fire*. London: Bloomsbury Children's Books.
- Wagner. (2000). Divinely Inspired. *The Times*, 18 October. In: <http://www.thetimes.co.uk/article/0,20758,00.html>